

O CENÁRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA SOBRE COMPETÊNCIA INFORMACIONAL NO BRASIL: UM ESTUDO DO DIRETÓRIO DE GRUPOS DO CNPQ

THE SCENARIO OF RESEARCH GROUPS ON INFORMATIONAL COMPETENCE IN BRAZIL: A STUDY BY THE CNPQ GROUP DIRECTORY

Bruno Fortes Luce^a
Maurício José Morais Costa^b
Alzira Karla Araújo da Silva^c
Maria Cleide Rodrigues Bernardino^d

RESUMO

Objetivo: O estudo tem como objetivo central realizar um levantamento, utilizando o DGP, para reconhecer os grupos de pesquisas ligados à Ciência da Informação, que trabalhem Competência Informacional. **Metodologia:** Trata-se de pesquisa exploratória e descritiva, com análise quantitativa dos dados recuperados. **Resultados:** Ao final foram recuperados 25 grupos de pesquisas dentre 18 instituições diversas, contabilizando um total de 267 pesquisadores, entre eles colaboradores estrangeiros. **Conclusões:** O levantamento de dados se mostrou relevante visto que ao final foram feitas algumas ligações e análises utilizando somente os dados fornecidos pelo diretório de maneira aberta, sendo possível traçar características que englobam os grupos de pesquisas ligados a ColInfo, no Brasil.

Descritores: Competência informacional. Diretório de Grupos de Pesquisa CNPQ. Análise de redes sociais. Genealogia acadêmica.

^a Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil. E-mail: brunofluce@gmail.com

^b Doutorando em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente e Gestor das Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB), São Luís, Brasil. E-mail: mauriciojosemorais@gmail.com

^c Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil. E-mail: alzirakarlaufpb@gmail.com

^d Doutora em Ciência da Informação, pela Universidade de Brasília (UnB). Docente do Curso de Biblioteconomia e do Mestrado Profissional em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (UFCA) e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Juazeiro do Norte, Brasil. E-mail: cleide.rodrigues@ufca.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A união de pessoas em torno de um objetivo em comum ocorre desde os primórdios civilizatórios, tanto como proteção de um grupo como para as construções das cidades e se estende até os dias atuais. Pesquisadores, cientistas, corpo acadêmico de maneira geral não ficam a parte dessa relação de troca e agrupamento. Segundo Gatti (2005), a ciência não se produz sozinha, mas sim com trocas de pensamentos e disseminação de ideias entre indivíduos. A autora reforça exemplificando esse trabalho em conjunto: “Para os pesquisadores mais experientes, esse diálogo permanente com grupos de referência temática torna-se fundamental ao avanço crítico e criterioso em teorizações, em metodologias, em inferências [...]” (Gatti, 2005, p. 1).

Orrico e Oliveira (2005, p. 5) afirmam que o agrupamento entre pesquisadores, que configura os grupos de pesquisa (GP), não ocorre ao acaso, mas sim com objetivos pré-estabelecidos, visto que “[...] os membros de um grupo estabelecem relações simétricas e assimétricas entre si, além de agirem de maneira a marcar seus espaços e afirmarem-se hegemonicamente.” Segundo Moreira, Vilan Filho e Muller (2015, p. 95), “Os grupos, quando estruturados, são caracterizados pelo compartilhamento ideológico, com condutas baseadas em normas, valores e crenças, e com relação interdependente entre os seus membros”.

Os arranjos sociais voltados para pesquisa no Brasil são estruturados em formato de Grupo de Pesquisas (Barbosa; Aasso; Berns, 2009; Moreira; Vilan Filho; Muller, 2015). Para Silva, Casimiro e Duarte (2016, p. 3), os GP têm grande relevância devidos ao seu trabalho, pois são eles os “[...] responsáveis pela investigação de temáticas relevantes no âmbito científico, conduzem o debate e acirram o saber-fazer, contribuindo, sobremaneira, para a construção de conhecimentos”.

No Brasil, o registro dos Grupos de Pesquisa (GP) é de responsabilidade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Por meio do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP), o CNPq organiza e

disponibiliza informações sobre grupos de diferentes instituições em todo o território nacional. O DGP tem como objetivo ser uma ferramenta que auxilie os pesquisadores, funcionando como um espaço para a troca de informações entre eles, além de preservar a memória da atividade científico-tecnológica do país. Considerando sua finalidade, pontua-se que o DGP se trata de uma "fonte inesgotável de informações" (Coxe; Rocha; Hoffmann, 2019, p. 10) e incentiva o uso de seus dados em pesquisas futuras.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo central realizar um estudo exploratório e descritivo, utilizando o DGP para identificar os GP ligados à Ciência da Informação (CI) que trabalham com Competência Informacional (Colnf.), criando assim um recorte específico para a busca. A escolha por grupos que trabalham com o tema Colnf., além de ser um recorte para restringir a busca, também foi uma maneira de aproximar o trabalho das competências informacionais, um tema que ganha destaque com o avanço das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), tanto no cenário acadêmico quanto na sociedade em geral.

Considerando que a CI é a área da ciência que se dedica a estudar a relação informacional em suas várias instâncias, e que os grupos de pesquisa são redes de pesquisadores que se aprofundam em um tema selecionado, torna-se relevante compreender a relação entre esses dois temas, a fim de expandir iniciativas que possam atender cada vez mais a população em geral.

2 COMPETÊNCIA INFORMACIONAL

A Colnf. tem seus primeiros registros dentro do contexto Americano, com sua tradução para o inglês de *Information Literacy*, ganhando destaque após o lançamento do relatório final: *Presidential Committee on Information Literacy*, elaborado pela *American Library Association (ALA)* em 1989 (Campello, 2007; Vitorino; Piantola, 2009). Uma pessoa competente em informação, segundo o Relatório da ALA (*Association of College & Research Libraries*, 1989, p. 1)¹,

¹ Original: To be information literate, a person must be able to recognize when information is needed and have the ability to locate, evaluate, and use effectively the needed information.

define que: “[...] deve ser capaz de reconhecer quando a informação é necessária e ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação necessária”. Segundo Vitorino e Piantola (2009), a definição apresentada pela ALA já se torna defasada visto as evoluções da pesquisa em torno do tema debatido.

Hoje, a ideia inicialmente aceita de que a competência informacional consiste essencialmente em conjunto de habilidades individuais ligadas à manipulação da informação em um suporte digital constitui apenas uma das muitas dimensões sugeridas pelo termo, que vem crescendo em complexidade à medida que as pesquisas sobre o tema evoluem (Vitorino; Piantola, 2009, p. 135).

As autoras desenvolvem o pensamento trazendo novas definições sobre Coinf., entre elas a *Council of Australian University Librarian (CAUL)* de 2001, onde já consta a percepção de desenvolver mais de uma habilidade de uma maneira mais ampla e a ideia de uma educação ao longo da vida (Vitorino; Piantola, 2009). O termo além de ganhar novos significados e aglutinar novas características ao longo dos anos também encontra barreiras em suas traduções do inglês para o português.

Campello (2012) apresenta em seu trabalho sobre bibliotecas escolares a tradução de *Information Literacy* para Competência Informacional, embora a própria autora em publicação de 2003 evidencie a tradução de Caregnato (2000), ‘Alfabetização Informacional’, como a primeira em publicações nacionais. Hatschbach e Olinto (2008, p. 23-24) trazem essas traduções para a língua portuguesa do Brasil e de Portugal:

Em Portugal, o termo mais utilizado é ‘Literacia Informacional’, mas são igualmente empregados: ‘Literacia da Informação’, e ‘Competências da Informação’. No Brasil, encontramos: ‘Alfabetização Informacional’, ‘Alfabetização em Informação’, ‘Competência Informacional’ e ‘Competência em Informação’. Sendo esse último o termo proposto na primeira mesa-redonda 1 sobre Competência em Informação (no XIII SNBU, Natal/RN, 2004), reconhecido e utilizado, desde então, por muitos pesquisadores da área.

Embora ainda haja debate em torno da tradução do termo, pesquisadores ressaltam a importância da implementação e do desenvolvimento da Competência Informacional em espaços como bibliotecas e escolas (Campello,

2012, 2003; Dudziak, 2003). Dudziak (2003, p. 34) reforça a cooperação: “[...] o desenvolvimento de novas abordagens relativas à filosofia e às práticas educacionais ligadas à *information literacy*”.² Através dessa cooperação podemos depreender a relevância dos grupos de pesquisas que trabalham o tema. Apesar das variações terminológicas, há consenso sobre a relevância da Colnf. no desenvolvimento educacional, especialmente em bibliotecas e escolas, reforçando a necessidade de cooperação entre pesquisadores e grupos de pesquisa para aprimorar e disseminar o conceito.

3 ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

O próprio termo ‘Rede’ remete a um agrupamento, junção, uma troca social através de relacionamento, entre pessoas e grupos sociais, sendo mediada por atores (Tomaél; Alcará; Di Chiara, 2005). Ao analisarmos a etimologia da palavra ‘rede’ que vem do Latim, significa rede para caça ou pesca, com isso uma maneira de agrupar (Musso, 2010; Telmo; Feitoza; Silva, 2019). Telmo, Feitoza e Silva (2019, p. 108) reforçam a definição de Redes: “As redes são, portanto, um composto das relações de fluxos existentes entre fenômenos coletivos e interação social, que constitui um arranjo, ou seja, a rede social”.

Conforme aborda Marteleto (2001, p. 72), “[...] o trabalho pessoal em redes de conexões é tão antigo quanto a história, mas, apenas nas últimas décadas, as pessoas passaram a percebê-lo como uma ferramenta organizacional”. A autora também aponta que o início dos estudos relacionados à Análise de Rede Social (ARS) ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, período que marca uma grande aceleração na produção e disseminação da informação. Ela acrescenta que, após a Guerra Fria, as definições dos atores e suas relações internacionais ficaram mais claras, facilitando as reflexões sobre o tema (Marteleto, 2001).

Com o avanço da sociedade e as novas formas de interação e mediação, os estudos em torno da ARS se tornaram mais relevantes para a academia. De

² Segundo Campello (2003), Dudziak não optou por fazer tradução do termo *Information Literacy* para sua obra, com isso tendo utilizado somente o termo em inglês.

acordo com Marteleto (2001, p. 72), “A análise de redes não constitui um fim em si mesma. Ela é o meio para realizar uma análise estrutural cujo objetivo é mostrar em que a forma da rede é explicativa dos fenômenos analisados”. A autora adverte que ao nos debruçarmos em ARS temos que ter noção que é necessário perceber a relação dos elos entre os atores, e não somente uma estrutura hierárquica, “Portanto, a função de uma relação depende da posição estrutural dos elos, e o mesmo ocorre com o status e o papel de um ator” (Marteleto, 2001, p. 72).

Para uma representação desses elos e essas estruturas, Telmo, Feitoza e Silva (2019, p. 108) apontam o uso de grafos na ARS: “[...] permitindo uma melhor visualização e análise das interações sociais entre os atores que a constituem [...]”. Autran (2014) resume a definição de grafos como a representação da rede em um diagrama, que através dele é possível visualizar as relações entre os atores e a rede. Autran (2014), também utiliza o termo ‘Nós’ ao relacionar as ligações entre os atores, essa ligação se dá através das arestas. Para Matheus e Silva (2006) essas ligações podem ser denominadas como laços ou somente ligações que ocasionam as junções entre os atores. Marteleto (2021) também utiliza o termo ‘Elo’ para se referir aos atores, visto que eles são os responsáveis por essas aproximações.

A própria Marteleto é apontada por Matheus e Silva (2006, p. 1), como precursora do estudo de ARS no país: “[no] Brasil, por outro lado, as referências na área de CI são poucas, sendo que o trabalho de Regina Marteleto parece ser pioneiro”. No Brasil, segundo Matheus e Silva (2006, p. 1), o estudo de ARS no contexto da CI pode-se destacar em duas linhas de pesquisas:

- i) análise de redes de pesquisadores e de artigos científicos, agregando-se a possibilidade de análise social às técnicas de bibliometria e cientometria; ii) estudos relacionados ao conceito de capital social de pessoas em determinados grupos ou organizações, associados às informações e conhecimentos relevantes para o progresso do grupo ou organização.

A relação social apontada na linha dois do artigo de Matheus e Silva (2006) corrobora para a construção deste trabalho, ao buscar mapear as relações entre grupos de pesquisa, pesquisadores e instituições mantenedoras, criando não apenas uma rede de trocas, mas também de dominação entre seus

atores. Essas dinâmicas podem ser observadas em redes colaborativas, tanto na produção de pesquisas quanto nos vínculos estabelecidos entre pesquisadores, representados em grafos (Telmo; Feitoza; Silva, 2019).

3.1 COLABORAÇÃO CIENTÍFICA

O processo de colaboração científica vem sendo debatido por muito tempo, tendo seus primeiros registros no final dos anos 50, em diversas áreas do conhecimento, entre elas a CI. Sua relevância ganhou destaque com o passar do tempo, sendo criada uma rede mundial de pesquisa em torno do tema no começo do século 21 - *Collaboration in Science and in Technology* (COLLNET) (Vanz; Stumpf, 2010). Para Vanz e Stumpf (2010), a colaboração científica pode ser definida por trabalho em conjunto entre pesquisadores, onde é expandido através de fatores em comum em suas relações. Embora essa relação possa parecer simples de ser exemplificada, pode se tornar complexa de quantificar.

A colaboração científica ainda esbarra em variações que não podem ser quantificadas como aponta Katz e Martin (1995, p. 3, tradução nossa): “[...] apenas alguns dos aspectos mais tangíveis de um trabalho colaborativo podem ser quantificados enquanto outros certamente não podem³”. Os autores destacam que mesmo um trabalho de caráter qualitativo pode deixar de fora momentos e ações que foram relevantes para o desenvolvimento da pesquisa. Subramanyam em seu trabalho publicado em 1983 exemplifica qual seriam as relações que há possibilidade de quantificação:

Por exemplo, uma sugestão brilhante feita por um cientista durante uma conversa casual pode ser mais valioso na definição do curso e do resultado de um projeto de pesquisa do que semanas de atividade intensiva de trabalho de um cientista colaborador no laboratório. (Subramanyam, 1983, p. 35, tradução nossa⁴).

³ Original: Furthermore, only some of the more tangible aspects of a collaborative piece of work can be quantified while others most certainly cannot. Even a qualitative assessment of collaboration is extremely difficult because of the indeterminate relationship between quantifiable activities and intangible contributions.

⁴ Original: For example, a brilliant suggestion made by a scientist during casual conversation may be more valuable in shaping the course and outcome of a research project than weeks of labour-intensive activity of a collaborating scientist in the laboratory.

Segundo Vanz e Stumpf (2010, p. 45), “a colaboração científica aparece muitas vezes na literatura relacionada à coautoria”. As autoras destacam que nem todas as colaborações resultam em publicações, o que impede que todas sejam quantificadas como coautorias. Dada a dificuldade em mensurar a colaboração entre pesquisadores, devido às nuances de suas relações e pesquisas, outros fatores podem ser mais facilmente observados, como suas redes interinstitucionais e intraorganizacionais. Silva (2012, p. 23) diferencia as duas redes como:

As redes interinstitucionais são aquelas formadas por atores que trocam conhecimento nas relações cooperativas entre as organizações [...] enquanto nas redes intraorganizacionais essa troca ocorre entre atores da mesma instituição.

É fundamental compreender essas relações e diferenciá-las, para estabelecer conexões e análises entre os pesquisadores dos grupos. Além disso, é importante entender suas interações dentro do grupo, como vínculos entre colegas da mesma instituição, genealogias acadêmicas, entre outros fatores.

3.2 GENEALOGIA ACADÊMICA

A genealogia acadêmica segundo Moura e Faria (2021) é uma maneira de identificar relações entre orientador e orientando e o desenvolvimento de suas pesquisas e trajetórias acadêmicas. Portanto, “[...] a genealogia fornece um meio de medir e analisar a propagação do conhecimento científico, a obtenção de insumos quantitativos para mensurar as interações acadêmicas e a migração de área de um acadêmico” (Moura; Faria, 2021, p. 5). Rossi e Mena-Chalco (2014) explanam a relevância de estudos sobre genealogia com o intuito de documentar e compreender as estruturas, e a expansão de grupos e ideias.

A genealogia acadêmica é representada como uma estrutura em árvore, onde o orientador ocupa o topo e seus orientandos são as folhas, criando assim ramificações (Rossi; Mena-Chalco, 2014; Damaceno; Rossi; Mugnaini; Mena-Chalco, 2019; Damaceno; Rossi; Mena-Chalco, 2017; Moura; Faria, 2021). Dôres (2017, p. 16) define descendência como “[...] o conjunto de todos os indivíduos (pesquisadores) de uma árvore genealógica acadêmica que possuem

um ancestral (orientador) em comum.” Dessa forma, configura-se uma relação entre pesquisadores baseada na orientação. Observando de forma mais ampla a estrutura da pesquisa no Brasil, é fundamental compreender os GP para analisar a evolução e a disseminação da ciência no país.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho consiste em uma pesquisa exploratória e descritiva, com análise quantitativa dos dados recuperados. Segundo Gil (2008), a pesquisa exploratória tem como característica aproximar o pesquisador do problema central, permitindo desenvolver de forma mais ampla as hipóteses do estudo. O autor também define o objetivo da pesquisa descritiva como “[...] a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (Gil, 2008, p. 42). A análise dos dados foi realizada quantitativamente, uma metodologia que, conforme Richardson (1999), é comumente utilizada em estudos descritivos, visando apresentar e quantificar as principais características dos dados coletados.

Para análise dos dados foram utilizados o *software Excel*, que serviu para organização e tabulação dos resultados obtidos. E o *software Gephi* para criação dos grafos de análise dos pesquisadores e seus respectivos grupos de pesquisa.

4.1 ESTRATÉGIA DE BUSCA

Na busca realizada no DGP do CNPq, optou-se por utilizar o campo "linha de pesquisa" para localizar grupos que trabalham o tema central do estudo: Competência Informacional. Essa escolha, em vez de buscar diretamente pelo termo no campo "Grupos de Pesquisa", baseia-se na definição de linha de pesquisa fornecida pelo DGP: “[...] representa temas aglutinadores de estudos científicos que se fundamentam em tradição investigativa, de onde se originam projetos cujos resultados guardam afinidades entre si” (Diretório de Grupos de Pesquisa, 2023, p. 1). A definição de grupos localizada no diretório também reforça a importância da busca ocorrer pela linha e não diretamente pelo grupo:

[...] trata-se de um grupo de pesquisadores, estudantes e

peçoal de apoio técnico que está organizado **em torno à execução de linhas de pesquisa** segundo uma regra hierárquica fundada na experiência e na competência técnico-científica. (Diretório de Grupos de Pesquisa, 2023 p. 1, grifo nosso).

Visto isso a busca ocorreu utilizando os termos "Competência em Informação" e "Competência Informacional"⁵. No campo "Linha de Pesquisa", também, foi utilizado o filtro área do conhecimento visando a identificação de grupos na área de Ciência da Informação.

Foram recuperados⁶ 11 grupos utilizando o termo "Competência Informacional" e 30 grupos com o termo "Competência em Informação". Ao final da busca inicial, todas as duplicidades foram excluídas, totalizando 28 grupos. Após essa etapa, foi realizada a seleção dos grupos para análise, considerando apenas aqueles certificados. Para isso, o DGP utiliza selos de certificação, conforme ilustrado na Figura 1 a seguir.

Figura 1- Selos do Diretório do CNPq/CAPES



Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa Capes (2022).

Os selos ajudam a visualizar os estágios de cada grupo no DGP: o verde indica grupos ativos, o azul representa grupos em processo de atualização ou preenchimento de perfil no Diretório, e o selo de cor escura indica grupos excluídos. Para este trabalho, foram analisados apenas os grupos com selo verde no período da busca. Além do DGP, foram utilizadas a Plataforma Lattes – sistema que integra bases de dados de currículos, grupos de pesquisa e instituições em um único sistema de informações, gerido pelo CNPq – e a plataforma Acácia.

A Plataforma Acácia é um projeto desenvolvido pelo grupo de pesquisa em Cientometria da Universidade Federal do ABC (UFABC). Conforme apontado por Damaceno, Rossi e Mena-Chalco (2019), a plataforma "[...] foi idealizada

⁵ Para esse trabalho os dois termos foram utilizados como sinônimos.

⁶ A busca ocorreu no período de 10 a 15 de dezembro de 2021.

com o propósito de registrar as relações formais de orientação no âmbito dos programas de pós-graduação no Brasil." As duas plataformas foram empregadas com o propósito de complementar e validar os dados obtidos na DGP. Ao término do processo, aplicando o critério de exclusão, foram selecionados 25 grupos para a análise.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS RECUPERADOS

A apresentação dos dados seguiu uma estrutura linear. Na primeira etapa, foram destacados os dados gerais dos grupos, incluindo informações geográficas e de criação. A segunda etapa abordou os pesquisadores e suas relações em cada grupo. Na terceira, foi analisada a genealogia acadêmica dos pesquisadores, incluindo seus vínculos com os líderes dos respectivos grupos. Dessa forma, foi possível obter uma visão abrangente de todos os grupos de pesquisa analisados, com o objetivo de atingir as metas do estudo.

5.1 DADOS GERAIS DOS GRUPOS DE PESQUISA

Em termos gerais, os grupos estão distribuídos por todas as regiões do país, com o maior número localizado no Nordeste (9 grupos) e o menor no Sudoeste (2 grupos). A região Sudeste é a única em que todos os estados possuem pelo menos um grupo, sendo o Rio de Janeiro o destaque, com três grupos — dois vinculados ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e um à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O estado do Ceará também conta com três grupos de pesquisa, igualando ao Rio de Janeiro em número de grupos recuperados: dois na Universidade Federal do Ceará (UFC) e um na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Na Figura 2, em verde escuro, os estados onde têm grupos de pesquisas:

Figura 2- Mapa dos Grupos de Pesquisa



Fonte: Elaborado pelas autorias (2022).

Em relação às instituições ligadas aos grupos de pesquisa, é possível notar uma concentração em universidades federais, sendo 88% dos grupos pertencentes a essas instituições de ensino, sendo dois grupos pertencentes a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e as outras 20 universidades federais brasileiras. Além das Universidades foram recuperados três grupos ligados a institutos como o IBICT e o Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Sendo assim todos os grupos pertencem a um órgão de ensino público, federal ou estadual, universidade ou instituto, reforçando a abrangência de instituições públicas no DGP.

Em relação ao ano de formação dos grupos, observa-se que 88% foram fundados a partir dos anos 2000, com apenas dois formados em 1996. Ambos estão localizados no Sul do país. O grupo Comunicação Científica (G7), liderado pela Prof.^a Dr.^a Sonia Caregnato, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é um desses. Segundo Campello (2012), Caregnato foi uma das primeiras pesquisadoras brasileiras na área de Ciência da Informação a trabalhar com o termo no país e a criar um GP com uma linha de pesquisa sobre o tema. O outro grupo é Informação, Tecnologia e Sociedade (G16), liderado pelo Prof. Dr. Vinicius Kern, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Vitorino e Piantola (2009, p. 133) corroboram os dados levantados ao afirmar que, embora a *Information Literacy* tenha surgido nos Estados Unidos na década de 1970, os estudos sobre o tema no Brasil ganharam maior visibilidade

apenas a partir dos anos 2000: “[...] as reflexões acerca da competência informacional tenham apenas recentemente encontrado espaço entre os grupos de pesquisa – no início da década de 2000”. O grupo mais recente registrado é o Grupo de Pesquisa e Extensão em Mediação e Práticas de Leitura (GEPPEM) (G11), fundado em 2020 e liderado pela Prof.^a Dr.^a Leoneide Martins, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

5.2 COMPOSIÇÃO DOS GRUPOS E SEUS PESQUISADORES

Para a análise dos grupos de pesquisa, foram selecionados exclusivamente os pesquisadores, totalizando 267 integrantes. As duplicidades entre pesquisadores e grupos foram eliminadas. A titulação dos pesquisadores dos grupos de pesquisa também foi considerada na análise, com 55% sendo doutores (147), 16% pós-doutores (44), 13% doutorandos (34) e 11% mestres (30). Os 2% restantes dos pesquisadores incluem graduados (2), especialistas (5) e mestrados (5).⁷

O grupo que apresentou o maior número de pesquisadores foi o Informação e Inclusão Social (G14), liderado pela Prof.^a Dr.^a Isa Maria Freire, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com 41 pesquisadores entre eles uma colaboradora estrangeira⁸. Dois grupos apresentaram quatro pesquisadores, sendo os dois com menor número registrado entre os 25 GP. Os dois grupos são: Arquivologia e Competência em Informação (GPArqCoInfo) (G2), liderado pela Prof.^a Dr.^a Renata Furtado da Universidade Federal do Pará (UFPA) e o Gestão de Projetos em Educação, Ciência, Informação e Tecnologia (PROJECIT) (G20), liderado pela Prof.^a Dr.^a Maria Isabel Barreira, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O grupo G20 conta com três pesquisadores brasileiros e um estrangeiro.

Os GPs também contam com colaboradores estrangeiros, vinculados a

⁷ Os dados de titulação dos pesquisadores foram revisados na plataforma Lattes, visto que o Diretório não contempla Pós-Doc, Doutorando e nem Mestrando, com isso tornando o levantamento mais atualizado. Reforçando que os dados fornecidos na plataforma Lattes são de responsabilidade do pesquisador. A verificação ocorreu do dia 18/12/2021 até o dia 20/12/2021.

⁸ Colaboradora Estrangeira é o termo utilizado no Diretório de Grupos de Pesquisa Capes.

instituições fora do país. A definição de colaboradores estrangeiros está alinhada com a concepção de colaboração descrita por Silva (2007, p. 7), cuja colaboração “[...] se limita à assistência técnico-científica, à formação de recursos humanos para a pesquisa, e à utilização de equipamentos e laboratórios do membro principal em experimentos conjuntos de interesse maior dos 'donos da pesquisa’”. Nesse contexto, os líderes do grupo são pesquisadores brasileiros vinculados a instituições de ensino nacionais, enquanto os colaboradores estrangeiros, também pesquisadores, estão ligados a instituições internacionais e contribuem com seu conhecimento aos GP.

Na busca, foram encontrados⁹ dez colaboradores estrangeiros em dez GP. Entre eles estão Aurora Cuevas Cerveró (P30), da *Universidad Complutense de Madrid*, e María Manuela Moro Cabero (P189), da *Universidad de Salamanca*, ambas espanholas e vinculadas a dois grupos de pesquisa no Brasil. O Grupo de Estudos Críticos sobre Ciência da Informação e Tecnologia (G10), da Universidade Federal do Pará (UFPA), o Grupo de Pesquisa em Comportamento e Competências Infocomunicacionais (INFOCOM) (G12), da UFRGS, e o Comportamento e Competência Informacionais (G6), da Unesp, contam cada um com dois colaboradores estrangeiros.

Os dez pesquisadores estão ligados a instituições em seis países diferentes, sendo a Espanha com quatro colaboradores, três deles da *Universidad Carlos III de Madrid*. Portugal tem dois nas Universidades do Porto e de Aveiro, e Moçambique com um colaborador na Escola Superior de Jornalismo. Os outros quatro pesquisadores estão localizados na Alemanha na Universidade de Düsseldorf, nos Estados Unidos na Universidade de Wisconsin; no México na *Universidad Autónoma de Nuevo León*. Todos os colaboradores estrangeiros têm a titulação de doutor, sendo o Prof. Dr. Ilidio Lobato Ernesto Manhique, de Moçambique, membro do G6, ex-orientando de doutorado da líder do grupo.

⁹ Na busca inicial foram localizados 15 pesquisadores estrangeiros, dentre dez grupos, mas foram excluídos três por não se enquadrarem tendo um pesquisador ligado a uma universidade brasileira e dois que não constavam qual era seu vínculo e nem qual instituição faziam parte. Também foram excluídas a duplicidade de colaboradores. Com isso contabilizando nove colaboradores ao final.

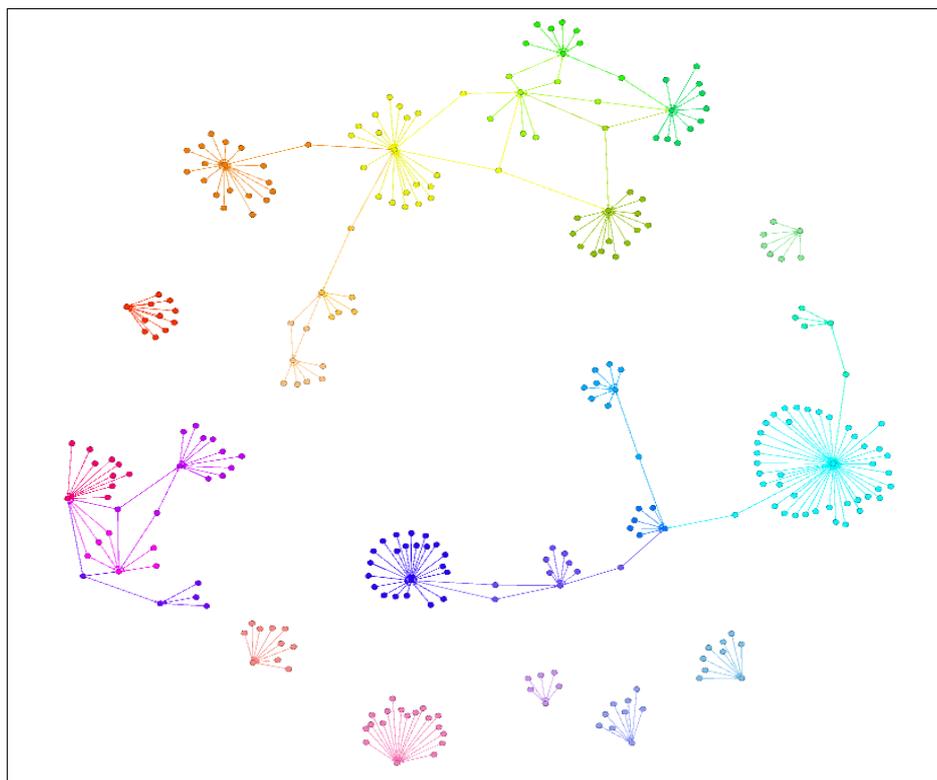
Pontua-se que a colaboração internacional, com dez pesquisadores estrangeiros, fortalece a troca de conhecimentos globais, especialmente com países como Espanha e Portugal, além de fortalecer a internacionalização nos programas de pós-graduação aos quais os pesquisadores estão vinculados. Esses dados indicam uma integração significativa de diferentes níveis de titulação e uma sólida rede colaborativa internacional nos GP, como bem explicado por Telmo, Feitoza e Silva (2019), cujas relações foram possíveis de observar através das redes de produção de pesquisa, ou seja, os nós criados entre pesquisadores.

5.3 RELAÇÃO PESQUISADORES E GRUPOS DE PESQUISA

A próxima subseção apresentará as conexões entre os pesquisadores e seus respectivos grupos, utilizando a metodologia de grafos. Foram consideradas exclusivamente as afiliações institucionais, com base nas informações disponibilizadas pelo DGP, sem incluir a análise de suas colaborações ou produções em coautoria.

Através dos grafos apresentados a seguir é possível enxergarmos as relações entre grupos através das filiações de seus pesquisadores. Pesquisadores que estão em mais de um grupo formam um elo entre grupos. O Grafo 1 representa todos os grupos e seus pesquisadores, sendo os GP as figuras centrais da imagem, cada cor representa um GP.

Grafo 1 - Grafo com todos os GP



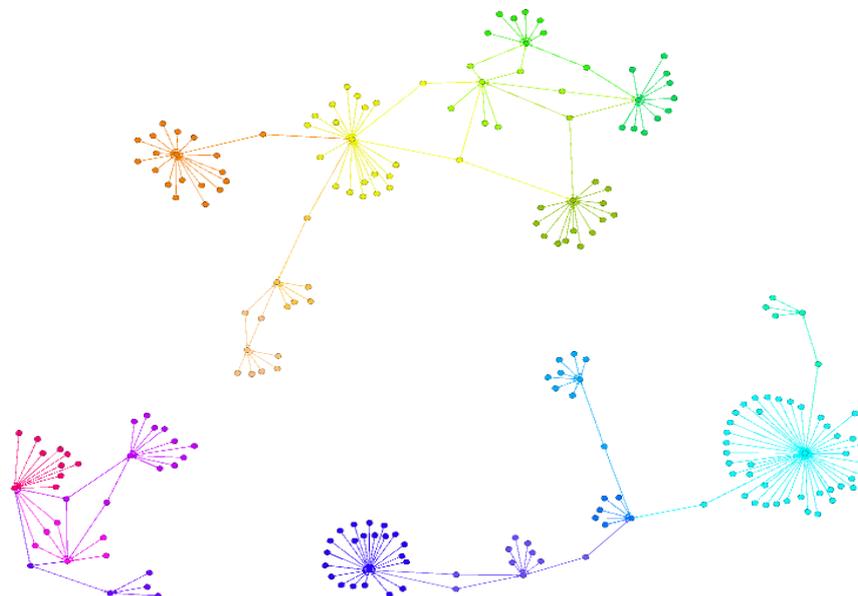
Fonte: Elaborado pelas autorias (2022).

Através do primeiro grafo é possível notar três grandes ramificações entre os 25 grupos, e sete grupos que não tinham ligações com outros grupos. Aqueles que não apresentam elos com outros grupos estão divididos em duas Regiões do País: quatro localizados na Região Nordeste: Grupo de Pesquisa em Cultura, Conhecimento e Inovação (G13), da UFERSA; Laboratório Interdisciplinar de Gestão e Tecnologia da Informação (LAGENTI) (G17), da Universidade Federal do Cariri (UFCA); Competências e comportamento: processos de produção, inovação e comunicação da informação (COMPORTI) (G21), da UFBA, e o Grupo de Pesquisa e Extensão em Mediação e Práticas de Leitura (GEPPEM) (G11), da (UFMA). Outros três localizados na Região Sul: Grupo de Pesquisa em Comportamento e Competências InfoComunicacionais (InfoCom) (G12), da UFRGS. E os dois grupos formados em 1996: Comunicação Científica (G7), da UFRGS, e Informação, Tecnologia e Sociedade (G16), da UFSC.

Em contrapartida 76% dos GPs recuperados apresentam um ou mais pesquisadores que fazem ligação com outros grupos, sendo no total 19 pesquisadores. Deste total, somente quatro fazem parte de três GP diferentes,

enquanto os demais tem somente uma ligação entre dois grupos. Através do Grafo 2 visualizamos as ligações entre grupos e pesquisadores.

Grafo 2- Grafos de Elos



Fonte: Elaborado pelas autorias (2022).

É possível notar a formação de três grupos distintos que não mantêm relações entre eles. O grafo superior apresenta o maior número de pesquisadores, 11 no total, e o maior número de grupos, oito no total. Os dois outros grafos têm o mesmo número de pesquisadores como elo, seis, sendo o grafo da direita com seis grupos e o da esquerda com quatro. É possível notar que o grafo da direita não apresenta nenhum pesquisador com mais de dois grupos, enquanto os outros dois apresentam.

Um fator em comum entre os três agrupamentos apresentados, no Grafo 2, é a duplicidade entre instituições ligadas aos GP, sendo o maior com dois grupos ligados à UFC. O grupo do meio apresenta dois grupos ligados à Universidade Federal de Goiás (UFG), à UFPB e ao IFPB, estes dois últimos do estado da Paraíba. Já o grupo menor com dois GP ligados ao IBICT e um ligado à UFRJ, todos localizam-se na cidade do Rio de Janeiro. O agrupamento do IBICT também consta de pesquisadores com mais de dois GP.

O Prof. Dr. Arthur Coelho Bezerra, líder do grupo Escritos - Estudos Críticos em Informação, Tecnologia e Organização Social (G8), também é

pesquisador dos grupos Perspectivas Filosóficas em Informação (Perfil-i) (G19), ambos do IBICT, instituição onde atua como docente. Além disso, Bezerra faz parte do Laboratório de Competência em Informação e Prática Informacional (LabCoInfo) (G24), da UFRJ. Todos esses grupos estão localizados no estado do Rio de Janeiro. Da mesma forma, a Dr.^a Anna Cristina Caldeira de Andrada Sobral Brisola, pesquisadora do G2, também integra os grupos G8 e G19. Os dois últimos grupos pertencem às instituições onde Brisola concluiu seu mestrado e doutorado, sendo que o líder do G19, Prof. Dr. Marco André Feldman Schneider, foi seu orientador em ambos os momentos, configurando uma descendência acadêmica.

A Dr.^a Camila Araújo dos Santos e a Prof.^a Dr.^a Marta Leandro da Mata também participam de dois grupos em comum: Competência e Mediação em Ambientes de Informação (G3), da UFC, e Competência em Informação e Processos Inter-relacionados (G5), da Universidade do Espírito Santo (UFES), onde a Prof.^a Dr.^a Marta da Mata é líder e docente. Além disso, Camila dos Santos é membro do grupo Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional (G23), enquanto Marta da Mata integra o G6. O G6 é liderado pela Prof.^a Dr.^a Helen de Castro Silva Casarin, que foi orientadora de mestrado e doutorado de Marta da Mata e de graduação e mestrado de Camila dos Santos, estabelecendo mais uma relação de descendência acadêmica entre as duas pesquisadoras.

A genealogia acadêmica também se manifesta em vínculos mais diretos entre dois grupos, como no caso da Prof.^a Dr.^a Djuli Machado de Lucca, líder do grupo Competência em Informação e Mediação (G4), da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), que é descendente acadêmica da Prof.^a Dr.^a Elizete Vieira Vitorino, líder do grupo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação (Gpcin) (G9), da UFSC, e vice-líder do G4. A relação de descendência acadêmica está presente em 56% (14) dos grupos de pesquisa, nos quais pelo menos um integrante é descendente acadêmico do líder ou vice-líder.

O grupo que apresenta maior número de descendentes acadêmicos é o G14, tendo um total bruto de 19 pesquisadores, mas também sendo o grupo com

maior número total de pesquisadores. Proporcionalmente três grupos se destacam: Informação e Leitura (G15), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com 88%, G6 com 75% e o G7 com 72% dos pesquisadores como descendentes acadêmicos do líder ou do vice-líder do grupo. Dos três grupos, o G7 tem o maior número bruto de pesquisadores, sendo 13 que foram orientandos de mestrado ou doutorado da líder do grupo Prof.^a Dr.^a Sônia Elisa Cargnato. A líder do grupo também orientou a vice-líder a Prof.^a Dr.^a Samile Andréa de Souza. O grupo G12, também da UFRGS, consta com a vice-líder Prof.^a Dr.^a Gleise da Silva Brandão, professora da UFBA, descendente acadêmica da líder do grupo, a Prof.^a Dr.^a Jussara Borges.

Diante disso, observa-se a genealogia acadêmica nos GP, com 56% dos grupos contendo ao menos um pesquisador descendente acadêmico do líder ou vice-líder. Essa dinâmica, especialmente concentrada nos GP G15, G6 e G7, sugere um padrão de continuidade e influência acadêmica, onde ex-orientandos seguem integrados às redes dos seus orientadores, bem como reflete diretamente na continuidade de linhas de pesquisa e na formação de novas gerações, perspectiva corroborada por Oliveira (2021). Embora essa estrutura reforce a coesão e a continuidade nas linhas de pesquisa, também pode limitar a diversidade de perspectivas e favorecer a perpetuação de hierarquias acadêmicas, cujo prestígio se mantém dentro de círculos restritos de poder e influência.

Nesse sentido, faz-se interface com o estudo de Oliveira, Oliveira, Dias e Costa (2018), que trata sobre genealogias de pesquisadores com bolsas de produtividade (PQ-1) do CNPq. Nele, os autores destacam a importância do relacionamento orientador-orientando, revelando como orientadores, como Aldo de Albuquerque Barreto, moldam a formação de sucessivas gerações de acadêmicos. O estudo também revela que a genealogia acadêmica facilita a continuidade da produção científica e a disseminação de áreas do conhecimento, validando o impacto da orientação acadêmica em GP e nos círculos mais amplos da academia, corroborado no estudo de Rossi e Mena-Chalco (2018).

Além das relações de orientação entre os líderes e os demais

pesquisadores, é possível identificar redes intraorganizacionais, como descrito por Silva (2012), em que atores da mesma instituição estão vinculados ao mesmo GP. Para essa análise, foram considerados apenas os pesquisadores que atuam como docentes, uma vez que todos apresentam essa informação em seus currículos, ao contrário de outros atores que não preencheram esse campo na plataforma Lattes.

No grupo G7, ligado à UFRGS, 77% (14) dos pesquisadores são docentes, sendo que dez atuam na própria UFRGS. Os quatro restantes estão distribuídos entre a Universidade Federal do Rio Grande (FURG), a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), todos descendentes acadêmicos da líder do grupo G7. Em termos gerais, os docentes são maioria entre os pesquisadores, totalizando 161, incluindo os colaboradores internacionais.

Dois grupos são compostos exclusivamente por docentes: Competências e Comportamento: Processos de Produção, Inovação e Comunicação da Informação (COMPORTI) (G21), da UFBA, e Cultura, Mediação e Informação Social (G22), da UFC. No G21, dois pesquisadores não são docentes da UFBA: a Prof.^a Dr.^a Elieny do Nascimento Silva, da UFCA, descendente acadêmica da líder do grupo, e a Prof.^a Dr.^a Fernanda Maria Melo Alves, colaboradora estrangeira da *Universidad Carlos III de Madrid*. No G22, a única pesquisadora que não faz parte da UFC é a Prof.^a Dr.^a Thiciane Mary Carvalho Teixeira, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), embora ambas as instituições estejam localizadas no mesmo estado do Ceará.

Em contrapartida, o Grupo de Pesquisa em Cultura, Conhecimento e Inovação (G13) não possui nenhum docente entre seus pesquisadores. O líder, Dr. Sale Mário Gaudêncio, é bibliotecário, e a vice-líder, Dr.^a Christiane Fernandes dos Santos, é técnica em assuntos educacionais, ambos ligados à UFERSA. Esse cenário evidencia uma predominância de docentes nos grupos de pesquisa, mas também mostra exceções, nas quais outros profissionais desempenham papéis de liderança.

A análise dos grupos de pesquisa revelou uma predominância de docentes entre os pesquisadores, destacando uma forte rede

intraorganizacional, especialmente em grupos como o G7 da UFRGS. Contudo, há exceções, como o G13 da UFRSA, onde bibliotecários e técnicos assumem papéis de liderança, rompendo o padrão dominante de professores. A presença de descendência acadêmica em muitos grupos reforça a importância das relações de orientação na composição dos GPs. Esses resultados apontam para a diversidade nas formações dos grupos, embora a participação docente continue sendo um fator central na maioria deles.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento de dados por meio do Diretório de Grupos de Pesquisa da Capes foi relevante, pois permitiu a realização de diversas análises com base nos dados fornecidos abertamente pelo diretório. Esses dados auxiliaram na compreensão da formação dos grupos, como a composição por docentes da mesma instituição e as ligações entre descendentes acadêmicos. Assim, foi possível observar a perpetuação de pesquisas relacionadas à Competência Informacional por ex-orientandos e atuais colegas de GP dos líderes e vice-líderes.

No entanto, é importante destacar algumas limitações das plataformas utilizadas. Foram encontradas inconsistências nas plataformas Acácia e DGP, o que exigiu revisões manuais nos perfis dos pesquisadores na plataforma Lattes. Vale ressaltar que tanto o DGP quanto a Acácia são alimentados com dados fornecidos pelos próprios pesquisadores em seus Currículos Lattes. Portanto, este levantamento partiu do pressuposto de que todas as informações são verdadeiras, sem realizar qualquer juízo de valor sobre os dados apresentados.

Ao término da pesquisa, o estudo alcançou seu objetivo principal de levantar grupos de pesquisa relacionados ao tema da Competência Informacional (Colnf) registrados no DGP. Embora tenha sido possível identificar características comuns entre os grupos, não foi possível determinar com precisão a relevância das conexões entre os pesquisadores e os grupos em relação ao tema da Colnf. Diante disso, torna-se necessário conduzir estudos mais aprofundados, com ênfase em coautoria, para verificar se os membros dos grupos publicaram em conjunto. Além disso, é fundamental identificar os temas

mais recorrentes nas publicações e realizar uma análise de citações, com o intuito de avaliar a relevância dos pesquisadores e grupos na disseminação do conhecimento sobre Competência Informacional.

AGRADECIMENTOS

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

REFERÊNCIAS

- ASSOCIATION OF COLLEGE & RESEARCH LIBRARIES. Division of the American Library Association. **Presidential Committee on Information Literacy**: final report. Washington, DC: ALA, 1989. Disponível em: <https://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- AUTRAN, Marynice de Medeiros Matos. **Comunicação da Ciência, Produção Científica e rede de colaboração acadêmica**: análise dos programas brasileiros de Pós-Graduação em Ciência da Informação. 2014. 426 f. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) - Universidade do Porto, Porto, 2014. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/78055>. Acesso em: 13 abr. 2023.
- BARBOSA, Sayonara de Fátima Faria; SASSO, Grace Teresinha Marcon Dal; BERNS, Isabel. Enfermagem e tecnologia: análise dos grupos de pesquisa cadastrados na Plataforma Lattes do CNPq. **Texto & Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 443-448, jul./set. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/9RT8BCKQRBMcgr6n7HPFGCw/?lang=pt>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- CAMPELLO, Bernadete Santos. A competência informacional na educação para o século XXI. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos. **Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 9-13.
- CAMPELLO, Bernadete Santos. A escolarização da competência informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 63-77, jul. 2007. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/18>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- CAMPELLO, Bernadete Santos. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 3, p. 28-37, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/9nQgbdkq5nXsNBLfv5MBHNm/?lang=pt>. Acesso em: 12 nov. 2024.

CAREGNATO, Sônia Elisa. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das universidades no contexto da informação em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, jan./dez. 2000. Disponível em: <https://cedap.ufrgs.br/xmlui/bitstream/handle/20.500.11959/137/v8a3.pdf?sequence=4>. Acesso em: 13 abr. 2023.

COXE, Rodrigo Antonio; ROCHA, Micherlangela Barroso; HOFFMANN, Wanda Machado. Mapeamento dos grupos de pesquisa que atuam com gestão do conhecimento no Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 4-23, jan./abril, 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1076/1107>. Acesso em: 12 nov. 2024.

DAMACENO, Rafael Jeferson Pezzuto; ROSSI, Luciano; MUGNAINI, Rogério; MENA-CHALCO, Jesus Pascual. The Brazilian academic genealogy: evidence of advisor–advisee relationships through quantitative analysis. **Scientometrics**, [S. l.], v. 1, n. 119, p. 303-333, 2019. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002965033.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2023.

DAMACENO, Rafael Jeferson Pezzuto; ROSSI, Luciano, MENA-CHALCO, Jesus Pascual. Identificação do grafo de genealogia acadêmica de pesquisadores: uma abordagem baseada na Plataforma Lattes. *In*: BRAZILIAN SYMPOSIUM ON DATABASES, 32., 2017, Uberlândia. **Anais** [...]. Uberlândia: SBBB, 2017. p. 76-87. Disponível em: <https://sbbd.org.br/2018/wp-content/uploads/sites/3/2018/02/p076-087.pdf>. Disponível em: 12 jan. 2022.

DIRETÓRIO DE GRUPOS DE PESQUISA NO BRASIL LATTES. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **O que é linha de pesquisa?** Qual a diferença entre linha e projeto de pesquisa? Brasília, DF: CNPq, 2023. Disponível em: <https://abre.ai/f4Cx>. Acesso em: 29 nov. 2024.

DORES, Wellington José das. **Um estudo sobre a genealogia acadêmica brasileira**. 2017. 86 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

DUDZIAK, Elizabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 23-35, 2003. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1016>. Acesso em: 25 jan. 2022.

GATTI, Bernardete Angelina. Formação de grupos e redes de intercâmbio em pesquisa educacional: dialogia e qualidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 30 p. 124-132, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XgnqcgDkJZ8jc4BVfBpDYvt/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 jan. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima; OLINTO, Gilda. Competência em informação: caminhos percorridos e novas trilhas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 20-34, ago. 2008. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/64/78>. Acesso em: 25 jan. 2022.

KATZ, J. Sylvan; MARTIN, Ben R. What is research collaboration? **Research Policy**, Amsterdam, n. 26, p. 1-18, 1997. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0048733396009171>. Acesso em: 13 jan. 2022.

MARTELETO, Regina Maria. Análise das redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2022.

MATHEUS, Renato Fabiano; SILVA, Antônio Braz de Oliveira. Análise de redes sociais como método para a Ciência da Informação. **DataGramZero**, [S. l.], v. 7, n. 2, 2006. Disponível em: http://eprints.rclis.org/7470/1/Art_03.htm. Acesso em: 12 jan. 2022.

MOREIRA, Jonathan Rosa; VILAN FILHO, Jayme Leiro; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Características e produção científica dos grupos de pesquisa do CNPq/DGP nas áreas de Ciência da Informação e Museologia (1992 - 2012). **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 20, n. 4, p. 93-106, 2015. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2460>. Acesso em: 13 jan. 2022.

MOURA, Vanessa Paula Alves de; FARIA, Leandro Innocentini Lopes de. A contribuição da genealogia acadêmica para a construção de indicadores bibliométricos. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 336-360, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/101444>. Acesso em: 27 jan. 2022.

MUSSO, Pierre. Filosofia da rede. In: PARENTE, André. (org.). **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 17-38.

OLIVEIRA, Carlos Alexandre de. **A genealogia acadêmica da ciência da informação brasileira: análise dos currículos dos pesquisadores/docentes**. 2021. 171 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

OLIVEIRA, Carlos Alexandre de; OLIVEIRA, Marlene; DIAS, Thiago Magela Rodrigues; COSTA, Belkiz Inez Rezende. Genealogia acadêmica dos pesquisadores da área de Ciência da Informação: um estudo sobre os bolsistas de produtividade em pesquisa (PQ-CNPq). **Em Questão**, Porto Alegre, v. 24, p. 278-298, 2018. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/86929/52349>. Acesso em: 12 nov. 2024.

ORRICO, Evelyn Goyannes Dill; OLIVEIRA, Carmen Irene Correia de. A representação metafórica nos caminhos do conhecimento em tempos de comunicação globalizada. **DataGramZero**, [S. l.], v. 6, n. 5, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5805>. Acesso em: 29 nov. 2021.

RICHARDSON, Robert Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSSI, Luciano; MENA-CHALCO, Jesús Pascual. Caracterização de árvores de genealogia acadêmica por meio de métricas em grafos. *In: BRAZILIAN WORKSHOP ON SOCIAL NETWORK ANALYSIS AND MINING (BRASNAM)*, 3., 2014, Brasília. **Anais** [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2014. p. 21-32. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/brasnam/article/view/6800>. Acesso em: 12 nov. 2024.

ROSSI, Luciano; MENA-CHALCO, Jesús Pascual. Mapeamento do conhecimento científico: uma proposta de método baseado em Genealogia Acadêmica. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 24, p. 172–192, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/86819>. Acesso em: 16 set. 2024.

SILVA, Alzira Karla Araújo. **Redes de coautoria em Ciência da Informação no Brasil: dinâmica na produção científica dos atores mediada pela ANCIB**. 2012. 252 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SILVA, Darly Henriques da. Cooperação internacional em ciência e tecnologia: oportunidades e riscos. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 50, p. 5-28, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/RZMgtvf45g37XvYNqsQmYVN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2023.

SILVA, Marcelo Costa; CASIMIRO, Adelaide Helena Targino; DUARTE, Emeide Nóbrega. Caracterização dos grupos de pesquisa em inteligência organizacional competitiva. **Biblionline**, João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 14-25, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/27971>. Acesso em: 13 abr. 2023.

SUBRAMANYAM, Krishnappa. Bibliometric studies of research collaboration: A review. **Journal of information Science**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 33-38, 1983. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/016555158300600105>. Acesso em: 12 nov. 2024.

TELMO, Flávia de Araújo; FEITOZA, Rayan Aramís de Brito; SILVA, Alzira Karla Araújo. Análise de redes sociais da produção científica em memória organizacional na ciência da informação. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 127-102, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/118942>. Acesso em: 12 jan. 2022.

TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; DI CHIARA, Ivone Guerreiro. Das redes sociais à inovação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/WTMRGVXjNdLNLdWGBD5HTXb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2023.

VANZ, Samile Andrea de Souza; STUMPF, Ida Regina Chittó. Colaboração científica: revisão teórico-conceitual. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 42-55, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/Fz4q6DhPGhjnXmRXLw6Ct/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2023.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 3, 2009. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1236>. Acesso em: 13 abr. 2023.

THE SCENARIO OF RESEARCH GROUPS ON INFORMATIONAL COMPETENCE IN BRAZIL: A STUDY BY THE CNPQ GROUP DIRECTORY

ABSTRACT

Objective: The main objective of the study is to carry out a survey, using the RGD, to recognize active research groups in the area of Information Science, that work with Information Competence. **Methodology:** This is an exploratory and descriptive study, with quantitative analysis of the data. **Results:** 25 research groups were retrieved from 18 different institutions, accounting for a total of 267 researchers, including foreign collaborators. **Conclusion:** The data provided by the open directory were relevant as it made it possible to carry out connections and analyzes that outlined the profile of the research groups linked to information literacy in Brazil.

Descriptors: Information literacy. Directory of CNPQ Research Groups. Social media analysis. Academic genealogy.

EL ESCENARIO DE LOS GRUPOS DE INVESTIGACIÓN SOBRE COMPETENCIA INFORMACIONAL EN BRASIL: UN ESTUDIO DEL DIRECTORIO DE GRUPOS CNPQ

RESUMEN

Objetivo: el objetivo principal de este estudio es realizar una encuesta, utilizando la DGP, para reconocer los grupos de investigación vinculados a la Ciencia de la Información, que trabajan en Competencia Informacional. **Metodología:** Estudio exploratorio y descriptivo, con análisis cuantitativo de los datos recuperados. **Resultados:** Al final, se recuperaron 25 grupos de investigación de 18 instituciones diferentes, lo que representa un total de 267 investigadores, incluidos colaboradores extranjeros. **Conclusión:** La recolección de datos demostró ser relevante ya que al final algunas conexiones y análisis fueron realizados utilizando sólo los datos proporcionados por el directorio de manera abierta, siendo posible rastrear características que abarcan los grupos de investigación vinculados a la alfabetización informacional en Brasil.

Descriptores: Competencia informativa. Directorio de Grupos de Investigación del CNPQ. Análisis de redes sociales. Genealogía académica.

Recebido em: 14.04.2023

Aceito em: 09.10.2024